

Trapiches ganham nova utilização

Tribuna da Bahia
data: 29/03/2009

O GOVERNO FAZ,
SUA VIDA MELHORA.

Bahia
TERRA DE TODOS NÓS
GOVERNO DO ESTADO

Em 460 anos de fundação Salvador comemora a revitalização de uma das áreas mais importantes da cidade, o Comércio

Reviver uma época de ouro, adequando à modernidade os espaços ociosos, onde no passado os trapiches, funcionavam como os shopping centers de hoje. Este é um dos objetivos da prefeitura de Salvador que vem trabalhando na revitalização do Comércio e este empenho já está dando resultados com o reaproveitamento dos antigos espaços. Ao completar 460 anos de fundação, Salvador pode comemorar. Centros audiovisuais, casas de espetáculo, hotelaria, mercado e museu são algumas das utilizações dos trapiches hoje. O trabalho de revitalização da antiga área portuária de Salvador segue parâmetros adotados em centros históricos de cidades como Lisboa, Barcelona, São Francisco, Nova York, Vigo e Buenos Aires.

Erguida entre a Baía de Todos os Santos e uma escarpa, a capital baiana foi a primeira cidade planejada do Brasil. A região do Comércio, que agrega um conjunto arquitetônico colonial misturado com prédios modernos, tenta recuperar a influência econômica perdida no final da década de 70, quando sediava as maiores instituições financeiras da época, como o Banco da Bahia, Banco Econômico, Banco do Estado da Bahia e outras instituições financeiras brasileiras e estrangeiras que tinham matrizes no bairro.

Seguradoras e empresas de exportação de cacau, fumo, sisal, juntamente com a Empresa Estadual de Eletricidade, a Leste do Brasil e os grandes escritórios de advocacia, navegação e cabotagem também estavam no centro das decisões econômicas de Salvador, com sedes erguidas na Praça da Inglaterra e avenidas Miguel Calmon, Estados Unidos e da França. Este panorama muda na década de 80, com a consolidação de bairros no entorno de avenidas como a Tancredo Neves e Paralela e a inauguração do Shopping Iguatemi, com transferência do centro de negócios.

LEGADO HISTÓRICO

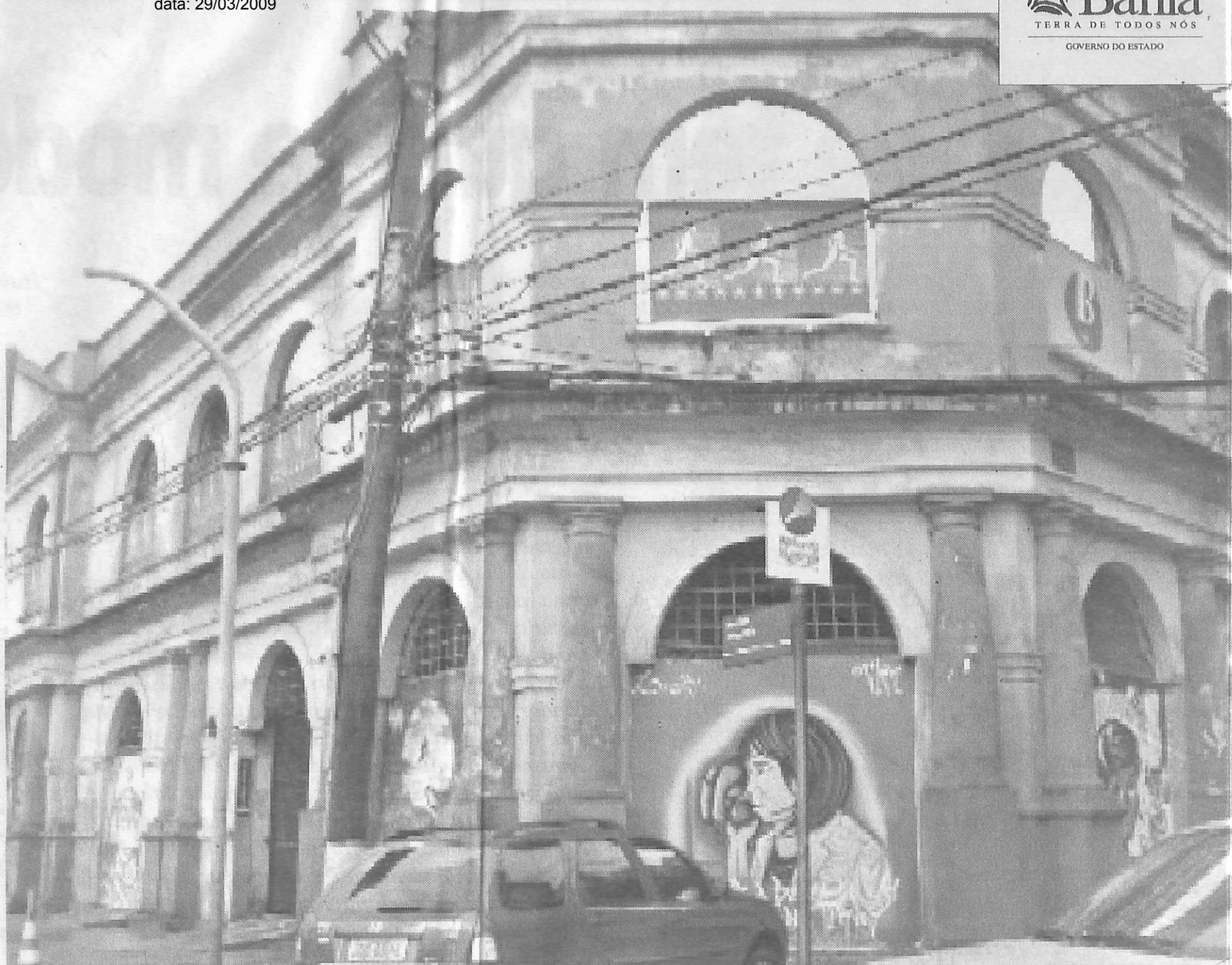
Os trapiches de Salvador surgiram a partir do declínio da monocultura açucareira e o crescimento da cafeeira do centro-sul. No ano de 1830, a Bahia tinha 759 engenhos de açúcar e influência política, chegando a ter 9 primeiros-ministros, entre os 23 que o Brasil teve de 1847, quando da criação do Conselho de Ministros, até o fim da Monarquia em 1889. Trapiche, palavra de origem francesa significa mercados. Eles promoveram uma verdadeira revolução comportamental na população do Brasil Colônia e muita influência político-econômica para os proprietários.

Os shopping centers antigos eram locais de encontro social e feiras ao ar livre. Vitrine para a modernidade, mostravam desde as tendências de moda de Paris e as notícias do Velho Mundo, até as especiarias, alimentos e produtos manufaturados. A Colônia via no comércio mercantilista uma porta de entrada para o progresso, fruto das grandes transformações socioeconômicas pelas quais passava; industrialização, expansão demográfica e reformas urbanas.

Salvador chegou a ter 429 trapiches no apogeu desta forma de comércio mercantilista. Muitos foram incendiados e reconstruídos, mas a maioria acabou extinta pela degradação. O Trapiche Quirino, assim como o Careca, o Piaçava, Pilar e o Xixi, que no incêndio perdeu duas mil sacas de açúcar, estão entre os que sofreram incêndios suspeitos.

Dos antigos prédios restaram o Barnabé, onde será instalado um centro cultural, e o Café Dourado, com uma casa de espetáculo de mesmo nome e onde antes funcionava a antiga Mesbla Náutica, o Mercado do Ouro, com o Museu do Ritmo na parte interna, conserva as características de mercado na parte externa, onde há lojas que vendem iguarias e grãos, o Quirino, que deve ser reaproveitado e espera investimento, como informa o coordenador-geral do Escritório de Revitalização do Comércio, Marcos Cidreira.

O Trapiche Adelaide, hoje com um restaurante e eventos, ficava



O tempo de ouro do Comércio que comandava a economia do Brasil colônia está sendo revivido nos antigos trapiches, recuperados

Fortes históricos lembram a defesa do Brasil colônia

Obras arquitetônicas, construídas, planejadas e erguidas no Brasil entre os séculos XVI e XIX, as fortificações são estruturas da arquitetura militar e tinham a missão de delimitar o território brasileiro, impedindo as invasões estrangeiras e de piratas. Fortim, redutos, baterias, fortalezas e fortes. As denominações das fortificações dependiam do tamanho e atividade. Porém, todas tinham uma missão em comum: proteger uma determinada área da cidade. Muitas destas edificações sumiram com o tempo ou pela ação dos homens.

"Salvador chegou a ter mais de 30 fortificações, atualmente restam apenas 11", disse o presidente da Associação Brasileira de Amigos das Fortificações Militares e Sítios Históricos, coronel Anésio Ferreira Leite. Segundo ele, a preservação é muito importante. "Com o desaparecimento estamos jogando fora as nossas referências e as nossas raízes. Temos que abrir espaço para a população conhecer a sua história", destacou.

O Rei de Portugal, D. João VI, mandou erguer o Forte São Marcelo no ano de 1650 com o objetivo de defender a cidade e o porto. "Depois

da sua construção a cidade nunca mais foi atacada", salientou o coronel Leite.

Levantado sobre um pequeno banco de areia a cerca de 300 metros da costa, fronteiro ao centro histórico da cidade, o Forte do Mar, como é conhecido, faz parte do cartão-postal da capital baiana. Foi recuperado em 2006, durante a primeira gestão do prefeito João Henrique. Aberto à visitação, maravilha os visitantes com apresentações vivas da história inserida em cada metro quadrado. "Temos teatro e outras formas de interatividade com o público", destacou o presidente da Abraf.

SEGURANÇA

Na capital baiana o primeiro forte erguido foi o de Santo Antônio da Barra, em 1534. Também conhecido como Farol da Barra, foi o segundo construído no País. Inicialmente era apenas um ponto de segurança. A partir de 1596, o forte foi reconstruído em pedra e cal e adquiriu a arquitetura de fortaleza.

Em 1696 foi mais uma vez reedificado quando recebeu o farol, que era alimentado com óleo de baleia. Era

o primeiro do Brasil e o mais antigo do continente. Passou a ser chamado de Vigia da Barra ou de Farol da Barra.

Operado pela Marinha do Brasil, abriga nas suas dependências o Museu Náutico da Bahia desde o ano de 1998, e mantém um acervo de peças de arqueologia, réplicas de embarcações, equipamentos para navegação e cartas náuticas. De acordo com o presidente da Abraf, coronel Anésio Ferreira Leite, a atual administração municipal tem a preocupação de manter vivo o patrimônio cultural e histórico de Salvador. "O prefeito João Henrique tem essa sensibilidade. Na gestão passada revitalizou o Forte São Marcelo, pintou o farol e o forte de Santa Maria".

Ainda no bairro da Barra existem os fortes Santa Maria e São Diogo. Não se tem a data exata dessas edificações, porém sabe-se que foram erguidas entre os anos de 1624 e 1638. "Durante a primeira Invasão Holandesa na Bahia, em 1624, eles não existiam", destacou o coronel Leite. No ano de 1638, quando aconteceu a segunda Invasão Holandesa, as estruturas já estavam erguidas. Na ocasião, as edificações impediram que

Maurício de Nassau invadissem a cidade. "Cumpriram com louvor a finalidade que lhes foi atribuída", destacou o presidente da Abraf.

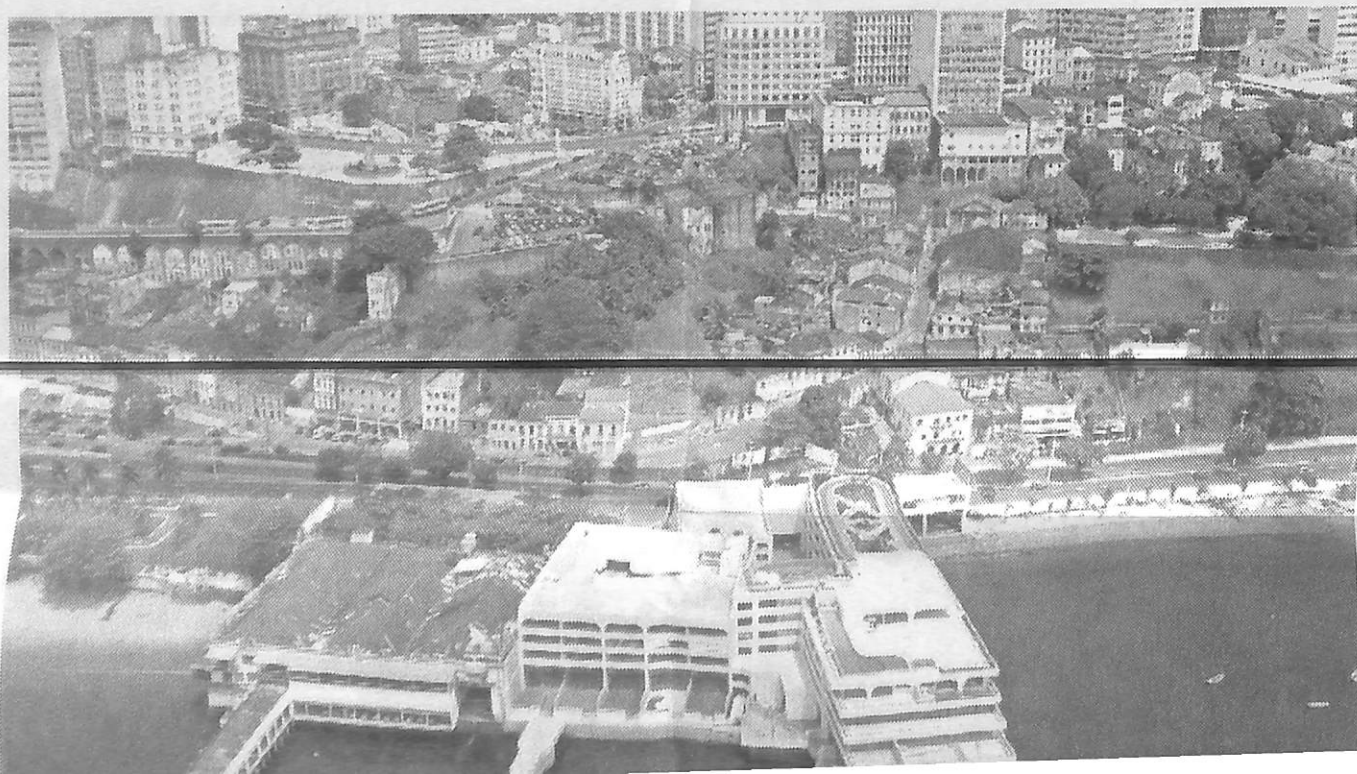
O Forte São Diogo é operado pelo Exército Brasileiro. O local é aberto a visitas e, diariamente, ao meio-dia, acontece um tiro de canhão colonial, o que fascina não apenas soteropolitanos, mas turistas dos quatro cantos do mundo.

Subindo para o Campo Grande estão os fortes São Pedro e São Paulo da Gamboa. Construídos pelos holandeses, os dois operavam em conjunto: o primeiro tinha a função de defender a cidade pelo acesso terrestre e o segundo impedia a chegada dos invasores pelo mar. Hoje são de responsabilidade do Exército Brasileiro. O Forte de São Paulo da Gamboa já teve o maior canhão da cidade, com 13 toneladas. O equipamento foi deslocado para a frente do Quartel General da 6ª Região Militar, na Mouraria. Na entrada do Terminal Marítimo de São Joaquim está o Forte Santo Alberto, ou Forte da Lagartixa, por ter canhões pequenos denominados de lagartixas, que poderiam ser deslocados para todos os lados.

Outras fortificações

No Forte de Santo Antônio Além do Carmo funciona um centro de referência da capoeira, que tornou o local conhecido como Forte da Capoeira. Fica na Praça Barão do Triunfo, no Largo de Santo Antônio Além do Carmo. "Tudo que era construído depois do portão norte era conhecido como Além do Carmo, por isso

Leite. Naquela fortificação as tropas de Maurício de Nassau foram impedidas de invadir a cidade. A maior fortificação de Salvador é o Forte de Nossa Senhora do Monte do Carmo ou simplesmente Forte do Barbalho. Tinha como função defender, juntamente com o Forte de Santo Antônio Além do Carmo, o acesso terrestre norte da cidade. No local funciona o Bahiafilm Commission, que visa atrair produções audiovisuais para a capital baiana.



de espetáculo, hotelaria, mercado e museu são algumas das utilizações dos trapiches hoje. O trabalho de revitalização da antiga área portuária de Salvador segue parâmetros adotados em centros históricos de cidades como Lisboa, Barcelona, São Francisco, Nova York, Vigo e Buenos Aires.

Erguida entre a Baía de Todos os Santos e uma escarpa, a capital baiana foi a primeira cidade planejada do Brasil. A região do Comércio, que agrega um conjunto arquitetônico colonial misturado com prédios modernos, tenta recuperar a influência econômica perdida no final da década de 70, quando sediava as maiores instituições financeiras da época, como o Banco da Bahia, Banco Econômico, Banco do Estado da Bahia e outras instituições financeiras brasileiras e estrangeiras que tinham matrizes no bairro.

Seguradoras e empresas de exportação de cacau, fumo, sisal, juntamente com a Empresa Estadual de Eletricidade, a Leste do Brasil e os grandes escritórios de advocacia, navegação e cabotagem também estavam no centro das decisões econômicas de Salvador, com sedes erguidas na Praça da Inglaterra e avenidas Miguel Calmon, Estados Unidos e da França. Este panorama muda na década de 80, com a consolidação de bairros no entorno de avenidas como a Tancredo Neves e Paralela e a inauguração do Shopping Iguatemi, com transferência do centro de negócios.

LEGADO HISTÓRICO

Os trapiches de Salvador surgiram a partir do declínio da monocultura açucareira e o crescimento da cafeeira do centro-sul. No ano de 1830, a Bahia tinha 759 engenhos de açúcar e influência política, chegando a ter 9 primeiros-ministros, entre os 23 que o Brasil teve de 1847, quando da criação do Conselho de Ministros, até o fim da Monarquia em 1889. Trapiche, palavra de origem francesa significa mercados. Eles promoveram uma verdadeira revolução comportamental na população do Brasil Colônia e muita influência político-econômica para os proprietários.

Os shopping centers antigos eram locais de encontro social e feiras ao ar livre. Vitrine para a modernidade, mostravam desde as tendências de moda de Paris e as notícias do Velho Mundo, até as especiarias, alimentos e produtos manufaturados. A Colônia via no comércio mercantilista uma porta de entrada para o progresso, fruto das grandes transformações socioeconômicas pelas quais passava; industrialização, expansão demográfica e reformas urbanas.

Salvador chegou a ter 429 trapiches no apogeu desta forma de comércio mercantilista. Muitos foram incendiados e reconstruídos, mas a maioria acabou extinta pela degradação. O Trapiche Quirino, assim como o Careca, o Piaçava, Pilar e o Xixi, que no incêndio perdeu duas mil sacas de açúcar, estão entre os que sofreram incêndios suspeitos.

Dos antigos prédios restaram o Barnabé, onde será instalado um centro audiovisual, o Cais Dourado, com uma casa de espetáculo de mesmo nome e onde antes funcionava a antiga Mesbla Náutica, o Mercado do Ouro, com o Museu do Ritmo na parte interna, conserva as características de mercado na parte externa, onde há lojas que vendem iguarias e grãos, o Quirino, que deve ser reaproveitado e espera investimento, como informa o coordenador-geral do Escritório de Revitalização do Comércio, Marcos Cidreira.

O Trapiche Adelaide, hoje com um restaurante e eventos, ficava numa área de maior movimento, a Praça do Mercado, na Conceição da Praia, onde havia ainda o Mercado da Praça e o São João. Ali ficavam o Porto Trapiche, onde foi erguido um apart-hotel, o Mercado da Preguiça, hoje o Museu do Azulejo e o Solar do Unhão, com Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM), antigo mercado de escravos. O único que preserva as características antigas é o Mercado Modelo que continua vendendo especiarias e acrescentou artigos manufaturados e artesanato.



O tempo de ouro do Comércio que comandava a economia do Brasil colônia está sendo revivido nos antigos trapiches, recuperados

Fortes históricos lembram a defesa do Brasil colônia

Obras arquitetônicas, construídas, planejadas e erguidas no Brasil entre os séculos XVI e XIX, as fortificações são estruturas da arquitetura militar e tinham a missão de delimitar o território brasileiro, impedindo as invasões estrangeiras e de piratas. Fortim, redutos, baterias, fortalezas e fortes. As denominações das fortificações dependiam do tamanho e atividade. Porém, todas tinham uma missão em comum: proteger uma determinada área da cidade. Muitas destas edificações sumiram com o tempo ou pela ação dos homens.

"Salvador chegou a ter mais de 30 fortificações, atualmente restam apenas 11", disse o presidente da Associação Brasileira de Amigos das Fortificações Militares e Sítios Históricos, coronel Anésio Ferreira Leite. Segundo ele, a preservação é muito importante. "Com o desaparecimento estamos jogando fora as nossas referências e as nossas raízes. Temos que abrir espaço para a população conhecer a sua história", destacou.

O Rei de Portugal, D. João VI, mandou erguer o Forte São Marcelo no ano de 1650 com o objetivo de defender a cidade e o porto. "Depois

da sua construção a cidade nunca mais foi atacada", salientou o coronel Leite.

Levantado sobre um pequeno banco de areia a cerca de 300 metros da costa, fronteiro ao centro histórico da cidade, o Forte do Mar, como é conhecido, faz parte do cartão-postal da capital baiana. Foi recuperado em 2006, durante a primeira gestão do prefeito João Henrique. Aberto à visitação, maravilha os visitantes com apresentações vivas da história inserida em cada metro quadrado. "Temos teatro e outras formas de interatividade com o público", destacou o presidente da Abraf.

SEGURANÇA

Na capital baiana o primeiro forte erguido foi o de Santo Antônio da Barra, em 1534. Também conhecido como Farol da Barra, foi o segundo construído no País. Inicialmente era apenas um ponto de segurança. A partir de 1596, o forte foi reconstruído em pedra e cal e adquiriu a arquitetura de fortaleza.

Em 1696 foi mais uma vez reedificado quando recebeu o farol, que era alimentado com óleo de baleia. Era

o primeiro do Brasil e o mais antigo do continente. Passou a ser chamado de Vigia da Barra ou de Farol da Barra.

Operado pela Marinha do Brasil, abriga nas suas dependências o Museu Náutico da Bahia desde o ano de 1998, e mantém um acervo de peças de arqueologia, réplicas de embarcações, equipamentos para navegação e cartas náuticas. De acordo com o presidente da Abraf, coronel Anésio Ferreira Leite, a atual administração municipal tem a preocupação de manter vivo o patrimônio cultural e histórico de Salvador. "O prefeito João Henrique tem essa sensibilidade. Na gestão passada revitalizou o Forte São Marcelo, pintou o farol e o forte de Santa Maria".

Ainda no bairro da Barra existem os fortes Santa Maria e São Diogo. Não se tem a data exata dessas edificações, porém sabe-se que foram erguidas entre os anos de 1624 e 1638. "Durante a primeira Invasão Holandesa na Bahia, em 1624, eles não existiam", destacou o coronel Leite. No ano de 1638, quando aconteceu a segunda Invasão Holandesa, as estruturas já estavam erguidas. Na ocasião, as edificações impediram que

Maurício de Nassau invadisse a cidade. "Cumpriram com louvor a finalidade que lhes foi atribuída", destacou o presidente da Abraf.

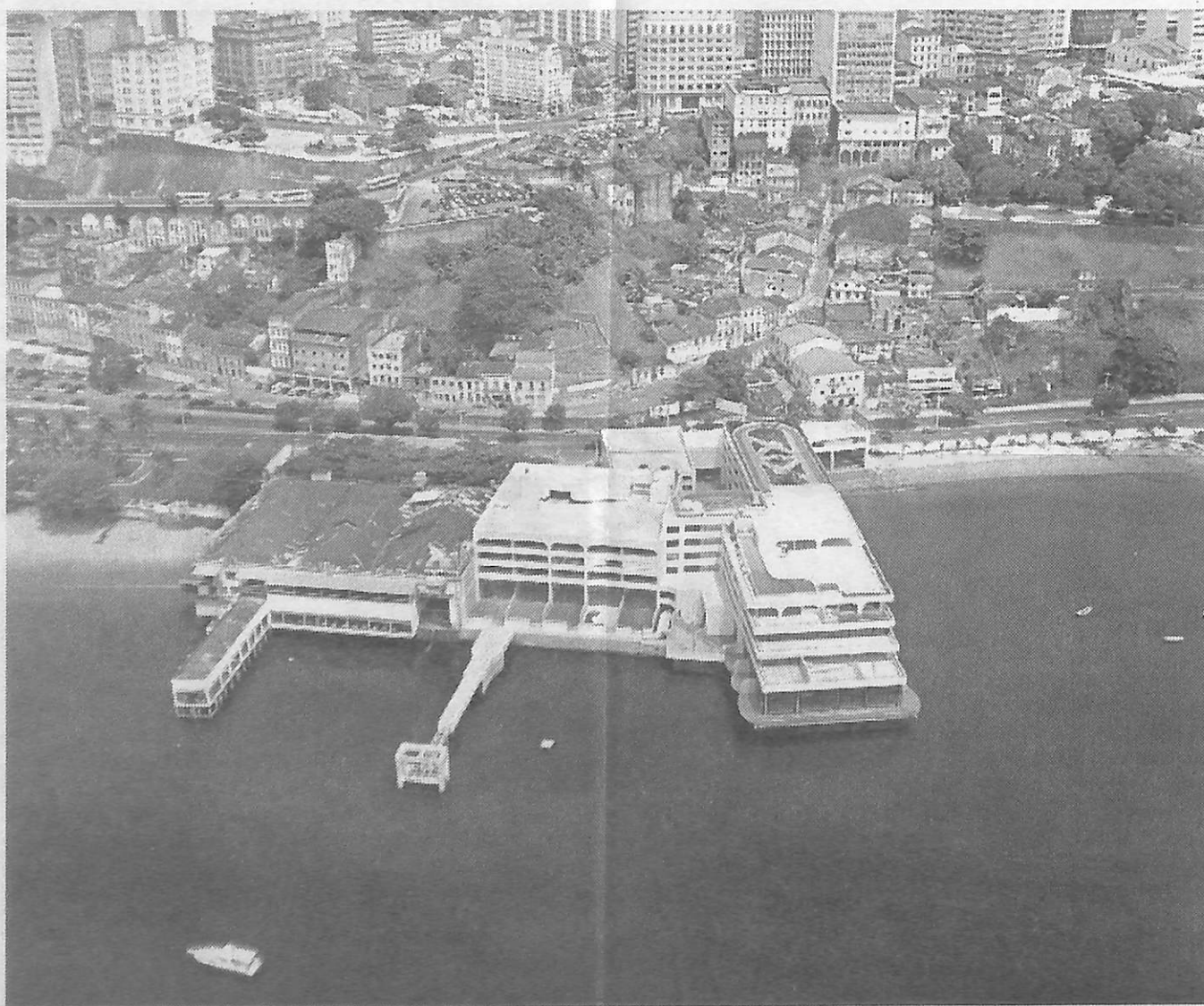
O Forte São Diogo é operado pelo Exército Brasileiro. O local é aberto a visitas e, diariamente, ao meio-dia, acontece um tiro de canhão colonial, o que fascina não apenas soteropolitanos, mas turistas dos quatro cantos do mundo.

Subindo para o Campo Grande estão os fortes São Pedro e São Paulo da Gamboa. Construídos pelos holandeses, os dois operavam em conjunto: o primeiro tinha a função de defender a cidade pelo acesso terrestre e o segundo impedia a chegada dos invasores pelo mar. Hoje são de responsabilidade do Exército Brasileiro. O Forte de São Paulo da Gamboa já teve o maior canhão da cidade, com 13 toneladas. O equipamento foi deslocado para a frente do Quartel General da 6ª Região Militar, na Mouraria. Na entrada do Terminal Marítimo de São Joaquim está o Forte Santo Alberto, ou Forte da Lagartixa, por ter canhões pequenos denominados de lagartixas, que podiam ser deslocados para todos os lados.

Outras fortificações

No Forte de Santo Antônio Além do Carmo funciona um centro de referência da capoeira, que tornou o local conhecido como Forte da Capoeira. Fica na Praça Barão do Triunfo, no Largo de Santo Antônio Além do Carmo. "Tudo que era construído depois do portão norte era conhecido como Além do Carmo, por isso o nome do Forte", explicou o coronel Leite. Naquela fortificação as tropas de Maurício de Nassau foram impedidas de invadir a cidade. A maior fortificação de Salvador é o Forte de Nossa Senhora do Monte do Carmo ou simplesmente Forte do Barbalho. Tinha como função defender, juntamente com o Forte de Santo Antônio Além do Carmo, o acesso terrestre norte da cidade. No local funciona o Bahiafilm Commission, que visa atrair produções audiovisuais para a capital baiana.

Construído no século XVI, o Forte de Nossa Senhora do Monte Serrat, o único que ainda conserva suas características originais. "É uma das vistas mais bonitas de Salvador", disse o funcionário André Gouveia. A fortificação foi erguida pelos portugueses na época em que Portugal estava sob o domínio espanhol. O Forte da Jequitiaia, em Água de Meninos, foi o último construído em Salvador, no ano de 1817. Revitalizado pela Petrobras, sediará o Museu do Petróleo.



Fortes históricos hoje utilizados para atividades diversas, lembram a defesa do Brasil colônia dos invasores